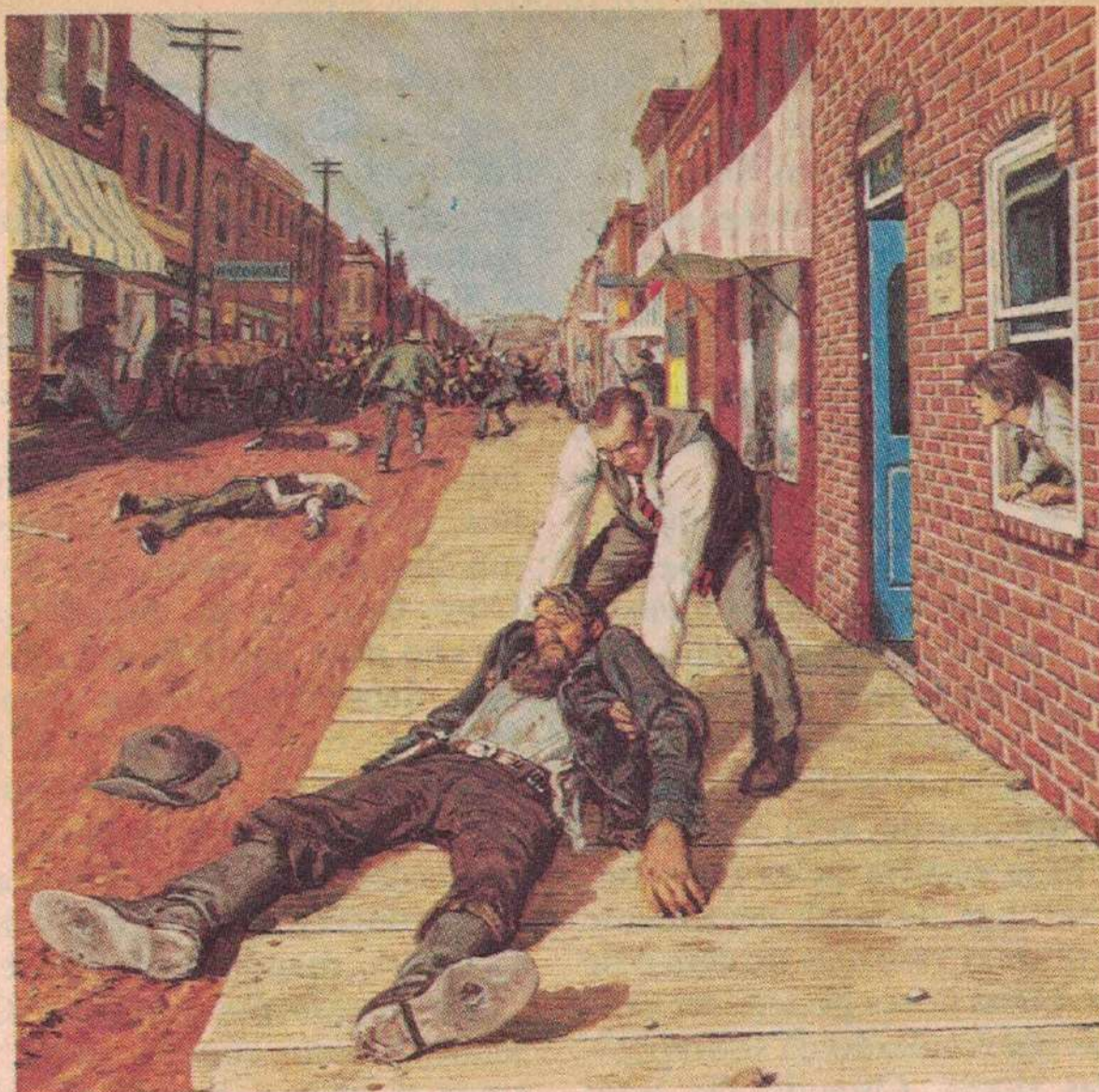




## Meu pai inesquecível

Famoso locutor  
norte-americano relembra  
a vida longa e interessante  
de seu pai,  
um homem notável

LOWELL THOMAS

**E**M 1905, quando tinha 13 anos, eu devia passar o verão trabalhando para um fazendeiro cujas terras acidentadas se estendiam em redor de um monte, nas montanhas Rochosas do Colorado. Ao fim de uma semana, dedicada a arar um campo pedregoso, já sentia saudades de casa, e os ossos me doíam. Achei que não podia ha-

ver trabalho pior do que aquele e voltei para casa. Foi um grande erro. Meu pai, cirurgião numa região mineira, ouviu atentamente o relato das aflições por que eu tinha passado, levando-me depois aos fundos da casa, onde troncos de pinheiros recentemente cortados cercavam o nosso pátio como se fossem a Grande Muralha da China. «Eu ia contratar um homem que me cortasse esta lenha, em toros para queimar», disse-me ele suavemente. «Agora que você está livre de qualquer obrigação, pode ficar encarregado disso.»

Foi o verão mais longo de minha vida. Os pinheiros têm pelo menos meio metro de diâmetro e soltam resina. Isso bloqueia as lâminas da serra e cega os machados. Cortar aquilo é um castigo aplicável a quase todas as infrações, mas, embora os pais na nossa agreste região aurífera de Cripple Creek pudessem castigar da mesma maneira os filhos faltosos, só o meu ilustraria a lição com uma frase de Shakespeare. «'Se todos os dias do ano fossem feriados», disse-me ele sucinatamente, «divertir-se seria tão enfadonho como trabalhar.' Henrique IV, primeira parte.»

**Uma enorme dívida.** Não havia ninguém como o meu pai em Victor, nossa cidade. Quando qualquer outro homem tinha um dólar a mais, gastava-o em bebidas, mas, meu pai, comprava um livro. As outras pessoas tinham quadros pendurados nas paredes, ou pelo menos uma folhinha; nós tínhamos

livros em todas as superfícies verticais da nossa pequena casa de quatro cômodos – três mil livros sobre todos os assuntos, da astronomia à zoologia.

Papai foi o estudioso mais tenaz que conheci. Todos os verões, tirava um mês de férias para assistir a aulas em Denver, Omaha ou Chicago. Duas vezes por semana, um vizinho recentemente chegado da Alemanha vinha conversar com ele em alemão, pois meu pai esperava um dia estudar com grandes professores de medicina de Viena. Assim, acabou por formar-se sete vezes, freqüentou 11 faculdades e universidades diferentes, e, em 1951, com 82 anos, mandou-nos da Grã-Bretanha uma carta otimista, dizendo-nos que acabara de se inscrever num curso de literatura elisabetana em Oxford.

Minha irmã, Pherbia, e eu fomos os primeiros beneficiados de sua sede insaciável de aprender. Todas as primaveras, carregando consigo o martelo de geólogo, ele nos levava a passeio pelas montanhas, para observarmos as formações minerais e catarmos pedras e flores selvagens para suas coleções. Tínhamos de identificar todos os espécimes sem hesitar. Nas noites de inverno, quando, no nosso ponto de observação, a três mil metros, nas montanhas Rochosas, o céu estava suficientemente límpido, ele armava um telescópio e nos acordava para vermos as estrelas, cujos nomes dizia com a maior familiaridade. Pela minha vida toda, onde

quer que eu viaje pelo mundo, elas continuam minhas amigas.

Falar direta e distintamente era uma preocupação especial de meu pai, e ele constantemente treinava minha dicção. Antes dos três anos, ele já me lia em voz alta textos da Bíblia, de Shakespeare e de Mark Twain. Mais tarde, eu lia em voz alta, para que ele me educasse a dicção. Quando eu estava no quinto ano primário, já era capaz de recitar qualquer texto de uma longa série de clássicos da literatura e da poesia.

É óbvio que seus esforços não foram perdidos, pois minha voz me capacitou a ganhar a vida razoavelmente. Este fato, porém, não chega a definir a enorme dívida que tenho para com meu pai.

#### **Uma cidade em expansão.**

Harry George Thomas nasceu numa aldeia, no oeste de Ohio, pouco depois da guerra civil norte-americana; seu pai era professor, e sua mãe, poetisa. Quando começou a estudar, nunca mais parou, exceto para ganhar o dinheiro que lhe permitisse continuar estudando. Ensinou em escolas rurais para pagar seus estudos universitários, e trabalhava durante os verões, nas minas de prata do Colorado, para poder formar-se em medicina. O casamento não modificou esse padrão de vida; até eu nascer, minha mãe ajudou-o ensinando numa escola.

Fomos para Cripple Creek em 1900, quando eu tinha oito anos, e foi-me difícil acreditar que aquela cidade rude e em franca expansão

pertencesse ao mesmo planeta em que ficavam as calmas vilas do Meio Oeste, onde eu passara meus primeiros anos. A corrida do ouro começara e, em todas as encostas, surgiam torres de minas e maquinaria. As ruas principais tinham apenas um passadiço de madeira de um dos lados. Havia mais salas de jogo do que lojas e mais *saloons* do que salas de jogo; a zona de meretrício ficava a cinco quarteirões de nossa casa. Incluindo vítimas dos tiroteios das noites de sábado e de acidentes nas minas, papai fez mais operações naquele primeiro ano do que a maioria dos médicos durante toda a sua vida. No meio disso tudo, as 475 minas de Cripple conseguiam mandar mensalmente, para a fundição, ouro no valor de um milhão e meio de dólares.

Desse ouro, muito pouco chegou às nossas mãos. A estratégia de meu pai para lidar com as contas não pagas era esquecê-las. Em vez de dinheiro, aceitava de bom grado cestos de batatas ou maçãs — uma vez, aceitou até um cachorrinho, o primeiro animal de estimação de minha irmã. Um de seus clientes foi a linda atriz Lillian Russell, que viera cantar no teatro de ópera de Victor e se sentira mal devido à altitude. Ela ficou tão satisfeita com o tratamento que, no meio de uma representação, atirou a meu pai uma rosa — mas, como tantos outros, ela também saiu da cidade sem lhe pagar a conta.

Em 1904, os mineiros entraram em greve, e a violência espalhou-se

pelo garimpo. Eu estava no consultório de meu pai, para maior segurança, no dia em que a força pública tentou dissolver um comício de protesto e irrompeu um tiroteio. Em pouco tempo, mortos e moribundos jaziam ali mesmo sob nossa janela. «Deite-se no chão!» gritou meu pai (claro que não o fiz), e depois saiu para o meio da confusão. Voltou, arrastando pelos ombros um mineiro ferido e operou-o imediatamente, salvando a vida do homem. Este também não lhe pagou, mas eu me lembro de que, quando ajudava a despi-lo, atirei seu coldre com um revólver calibre 45 para trás de uma estante de livros. Mais tarde, aconselhei meu pai a vender o revólver para compensar seus honorários, mas ele não concordou e o devolveu ao mineiro – coldre, cinto e tudo.

**Euforia do pós-guerra.** Finalmente deixamos Cripple Creek. Fui para o Leste, para a universidade (onde mamãe e Pherbia mais tarde vieram juntar-se a mim), enquanto papai continuava sonhando estudar em Viena. Foi quando rebentou a Primeira Guerra Mundial, e, em vez disso, ele foi para a Universidade Johns Hopkins, onde se tornou amigo de Sir William Osler, conceituado médico britânico. Quando Sir William voltou à Inglaterra, para servir na guerra, meu pai o seguiu e alistou-se como cirurgião militar no exército britânico. Transferiu-se para as tropas norte-americanas logo que os Estados Unidos entraram na guerra, em

1917, e ficou radiante quando o mandaram para a frente italiana – tantas antiguidades!

Depois da guerra, vieram três anos fascinantes com mamãe e Pherbia no Oriente Médio, onde ele aceitara a cátedra de medicina na Universidade Americana de Beirute. Pherbia voltou para a universidade nos Estados Unidos, e meu pai entusiasmado foi com mamãe para Viena. Acabou por conseguir o tão desejado diploma.

Finalmente regressaram a uma pátria quase irreconhecível. O automóvel começava a expulsar os cavalos das ruas, e o país inteiro vivia uma euforia do pós-guerra que parecia escarnecer das verdades básicas sobre as quais papai, então com 53 anos, construía sua vida. Outro homem poderia ter-se refugiado nos seus livros bem-amados. Meu pai viajou pela costa de Nova Jersey, achou que Asbury Park era um lugar simpático e aí se estabeleceu para criar uma nova clientela. Prosperou durante os 27 anos seguintes.

À medida que o tempo passava e meu nome se tornava conhecido pelas emissões noturnas do noticiário radiofônico, meu pai esforçava-se por não deixar transparecer demasiado orgulho. «Deixei de me preocupar com Lowell, quando foi para Princeton», era a única coisa que dizia, frisando também que a fama é secundária em relação à educação. Uma vez, quando uma mulher que se interessava por celebridades lhe perguntou «É verdade que o se-

nhor é o pai de Lowell Thomas?», ele respondeu-lhe sarcasticamente: «Minha mulher diz que sim.»

Quando minha mãe morreu, Pherbia e eu tentamos convencê-lo a deixar de exercer a medicina e morar com um de nós. «Não pense nisso!» resmungou ele. Embora seu desgosto fosse profundo (haviam sido casados 56 anos), sua vida continuou como dantes. Ele via os doentes, visitava o hospital e nunca se recusou a atender uma chamada durante a noite. Por fim, com 80 anos, concordou em aposentar-se e vir para Nova York, mas se recusou a morar com qualquer de nós; instalou-se no Clube Republicano, precisamente defronte da Biblioteca Pública de Nova York.

O «nosso doutor». Naquele outono, telefonou-me anunciando que pensava inscrever-se na Universidade de Nova York para o doutorado em filosofia. «Você sabe», disse como que se desculpando, «eu não tenho nenhum doutorado, mas já possuo alguns créditos para a obtenção de um.»

«Quanto tempo têm esses créditos, papai?» perguntei-lhe.

«Bem, foram na Universidade de Denver... há 50 anos, acho eu, mas ainda tenho em meu poder os apontamentos.»

Quando o vi, depois desta conversa, perguntei-lhe se tinha sido admitido na universidade. «Não», disse-me, e depois, com prazer evidente, acrescentou: «Eles me pediram para em vez disso ir ensinar na Escola Superior de Saúde.»

Um ano depois, Pherbia e eu fomos com ele visitar Cripple Creek. Ele saíra de lá em 1915, mas claro que nunca tinha sido esquecido. Antigos clientes, muitos dos quais eram crianças durante os anos da corrida do ouro, vieram de todas as cidades da região, de Denver e de Colorado Springs também, juntando-se todos para reverem o «nosso doutor». Um homem de meia-idade gritou: «Lembra-se de mim, doutor?»

«Levante a perna das calças, Roy, e vamos ver como essa ferida cicatrizou», gritou-lhe meu pai.

No ano seguinte, foi para a Grã-Bretanha estudar em Oxford e apoiar moralmente Winston Churchill, um dos seus ídolos, que era outra vez candidato a primeiro-ministro. Com Churchill de novo instalado no cargo, meu pai voltou para junto de nós pela última vez. Morreu serenamente nessa primavera de 1952, com 83 anos, e foi enterrado ao lado de minha mãe no cemitério de Arlington.

Nascera durante a presidência de Ulysses S. Grant (quando o telefone, o automóvel e até a eletricidade para fins práticos eram desconhecidos) e morreu no último ano da presidência de Truman. Foi uma época espantosa na história da humanidade, que abrangia dos tempos dos pioneiros à era nuclear, um período em que houve mais progressos científicos e intelectuais do que em qualquer outro na história. Vivendo cabalmente a vida, meu pai esteve sempre em dia com tudo. ▲